

Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil

Márcio José Ornat

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Joseli Maria Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa

p. 113 – 128

Artigo disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81087>

Como citar este artigo:

ORNAT, M. J.; SILVA, J. M. Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil. *GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 113-128 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

revista

Geo 
USP

espaço e tempo

Volume 18, nº 1 (2014)

ISSN 2179-0892

Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, Prostituição e cafetinagem no sul do Brasil

Márcio José Ornat

Joseli Maria Silva

Resumo

Este artigo discute a relação entre território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no Sul do Brasil. Tal proposta relaciona-se a análise de conteúdo de 22 entrevistas realizadas com travestis que atuam na atividade sexual, mais 7 entrevistas com pessoas atuantes em ONGs que contemplam o grupo de travestis. Evidenciamos que a fluidez de conhecimento grupal se faz a partir de vários atores sociais, fluidez constituída segundo relações que se estabelecem entre travestis, organizações não governamentais e proprietárias de pensões para travestis, a partir de paradoxos e complementaridades entre atividades legais e ilegais. A multiescalaridade do fenômeno evidencia a posição móvel e indeterminada das relações, superando a noção de fixidez entre categorias, complexificando as relações entre os sujeitos e espaços.

Palavras-chave: Prostituição. Cafetinagem. Vivência travesti. Geografia Queer. Território descontínuo.

Discontinuous paradoxical territory, LGBT movement, prostitution and pimping in southern Brazil

Abstract

This paper discusses about the relation between discontinuous paradoxical territory, LGBT movement, prostitution and pimping in Southern Brazil. Such proposition relates to the content analysis of 22 interviews with travestis which acted in sexual services and with 7 more interviews with people acting in NGOs concerned with the travestis group. We verified that this knowledge flow is made through the participation

of various social actors and it is constituted with the relations established between travestis, NGOs and owners of 'boarding houses for travestis', from paradoxes and complementarities between legal and illegal activities. The multiple scale of the phenomenon highlights how these relations have a mobile and indeterminate position, thus surpassing the notion that conceives categories as something fixed and it shows how complex the relations among subjects and space are.

Keywords: Prostitution. Pimping. Travestiliving. *Queer* Geography. Discontinuous territory.

Introdução

A presente discussão tem por objetivo evidenciar a relação entre território descontínuo, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil. Tal proposição foi construída a partir da análise de conteúdo de um conjunto de 22 entrevistas¹ realizadas com travestis que atuam na atividade sexual, sendo que três delas foram realizadas na Espanha. Além destas, foram realizadas também 7 entrevistas² com pessoas atuantes em organizações não governamentais (ONG) que contemplam o grupo de travestis. Todo o universo de entrevistas foi analisado segundo a proposta de Bardin (1977), cujo resultado produziu eixos semânticos que deram sentido às vivências espaciais do grupo investigado.

O universo total das falas³ foi sistematizado a partir quatro espacialidades discursivas que obtiveram diferentes intensidades de evocação no discurso do grupo. A *casa*, com 12% das evocações, *cidade* com 5%, *território intraurbano* com 22% e *território descontínuo* com 38%. Este último percentual, relacionado ao discurso das entrevistas, referentes a atividade da prostituição e a mobilidade espacial, fora produzido por um total de 380 evocações, organizadas em quatro diferentes categorias discursivas: *fatores motivacionais de deslocamento* (17,4% das evocações), *fatores espaciais de conectividade* (23,4%), *fatores estratégicos de deslocamento* (17,1%), e *fatores de controle do território da prostituição* (35,5%).⁴ Devido ao escopo da presente discussão, tratamos especificamente da categoria discursiva *fatores espaciais de conectividade*, constituída pela relação entre militância LGBT, cafetinagem e prostituição travesti no sul do Brasil.

Esta categoria discursiva foi criada a partir da observação realizada pelo grupo na busca de conquistas territoriais cada vez mais amplas, atingindo várias escalas espaciais que ultrapassavam os limites municipais. O fenômeno da prostituição, apesar de altamente complexo do ponto de vista espacial, segundo Howell (2001) não despertou interesse por parte de geógrafos. As denominadas *Feminists Geographies* e *Queer Geographies*, não obstante tenham como foco de interesse a relação entre sexo, gênero e desejo, também não privilegiaram o tema da

1 As entrevistas foram realizadas no Brasil nas cidades de Balneário Camboriú (SC), Maringá (PR), Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Londrina (PR), Ponta Grossa (PR), Porto Alegre (RS) e Sapiranga (RS). Em Relação a Espanha, as entrevistas foram realizadas na cidade de Madri.

2 ONGs localizadas nos municípios: Curitiba (PR – 2 ONGs), Florianópolis (SC – 1 ONG), Joinville (SC – 1 ONG), Ponta Grossa (PR – 1 ONG), Porto Alegre (RS – 1 ONG) e Sapiranga (RS – 1 ONG).

3 23% das evocações discursivas deste universo foi desconsiderado por não constituir um eixo semântico. Todo o universo das falas produziu um total de 1009 evocações.

4 6,6% das evocações discursivas deste universo foi desconsiderado por não constituir um eixo semântico.

prostituição. Contudo, no Brasil, pode-se apontar vários estudos da relação entre espaço e atividade comercial sexual como Mattos e Ribeiro (1996), Ribeiro (1997), Campos (2000), Silva (2008) e Ornat (2009).

Ao observar a mobilidade das travestis entre várias cidades para o exercício da atividade comercial sexual no sul do Brasil, reconhecemos a inevitabilidade de abordar os elementos de subjetividade que compunham as relações interpessoais desenvolvidas pelo grupo de travestis. Portanto, o presente texto está organizado em duas partes. Na primeira parte é realizada uma discussão sobre o uso do território descontínuo paradoxal como ferramenta compreensiva do fenômeno da prostituição travesti, a fim de encontrar suporte teórico-conceitual capaz de construir a inteligibilidade do fenômeno abordado. Na segunda parte são exploradas as conexões pessoais e territoriais que dão sentido à realidade vivenciada pelo grupo de travestis investigadas, relacionadas a complementaridades e paradoxos entre o movimento LGBT, a atividade da prostituição e cafetinagem no sul do Brasil.

O território descontínuo paradoxal na experiência travesti

O território⁵ é um importante foco de interesse da Geografia, notadamente na área política, vinculado à noção de fronteiras do Estado-nação, conforme afirmam Wastl-Walter e Staeheli (2004). As autoras argumentam que o território, tanto quanto a territorialidade e a fronteira são elementos que remetem às relações de poder ligadas à soberania e à segurança. Esta tendência tem obscurecido a possibilidade de uso da ideia de território e poder pelo viés da sexualidade e de outros marcadores sociais como gênero e raça, por exemplo. Contudo, a reivindicação do uso do conceito de território que extrapole a sua relação com o poder de Estado tem sido realizada na Geografia.

Nagar (2004) e Martin (2004) trazem para o debate científico a relação entre territórios e sua conexão com as práticas sociais em que ocorre a imposição de ideias de um indivíduo ou grupo sobre outros, tendo como base o estabelecimento de diferenças entre as pessoas. Souza (1995), por sua vez, constrói seu fundamento sobre as relações de poder na constituição do território a partir de quem manda e influencia e como manda e influencia o espaço. É o poder sobre o espaço que estabelece as inclusões ou exclusões de objetos, indivíduos e comportamentos. Estas propostas conceituais possibilitaram a expansão de pesquisas que tiveram como foco as relações de poder de diversas naturezas, como a cultura, a religião, a economia e a política. Apesar disso, a sexualidade não foi ainda suficientemente explorada em sua relação com o espaço e tampouco com o território.

As críticas de geógrafos de várias tendências estavam fundamentadas na ideia de que o território vai além de uma mera ação biológica, é uma construção social, política e cultural. Nesse sentido, há possibilidade de instituição de inúmeros territórios, dependendo do interesse do pesquisador em determinado fenômeno que envolva relações de poder. Assim, pode-se dizer que o território e suas fronteiras delimitadoras são reflexo e condição das relações de poder através das quais foram produzidas, sendo forjado em situações particulares e projetando-se para fins estabelecidos.

5 Para aprofundamento ver Ratzel (1882 apud MORAES, 1990) e Gottmann (1973).

A atividade de prostituição travesti é um fenômeno que pode ser compreendido por meio do território, na medida em que ela é extremamente hierarquizada e que se produz em tensionamentos constantes entre os sujeitos que fazem parte do desenvolvimento desse exercício.

Há algumas especificidades na prostituição travesti que se diferem da prostituição feminina, por exemplo. As travestis são seres que contradizem o padrão linear entre sexo, gênero e desejo e aqueles que procuram seus serviços, na sua grande maioria homens, costumam guardar mais sigilo do que se mantivessem relações com prostitutas mulheres. Isso porque manter relações sexuais com uma pessoa que, apesar da aparência feminina, possui um pênis, pode macular a imagem viril de masculinidade do cliente. O fato do grupo apresentar a especificidade de ser dissonante do padrão heteronormativo, há uma trajetória de exclusão e discriminação ao longo de suas vidas, desde a mais tenra infância até a fase adulta. Este aspecto é comum entre essas pessoas e suas histórias de sofrimento acabam sendo os elementos constituidores dos laços de afeto entre elas, como relatado em Silva (2008) e Ornat (2009).

A complexidade que envolve a instituição do território da prostituição travesti é formado por sentimentos de pertença, a partir de experiências positivas, mas também de exclusão segundo experiências negativas. Ao mesmo tempo que elas constituem redes de amizades no cotidiano da prostituição, também estabelecem ações de competição e violência. Pode-se assim dizer que o território se faz por ambos os elementos que se contrapõe de diversas maneiras.

Os espaços intraurbanos apropriados por travestis não se esgotam em si mesmos. Eles dependem da mobilidade que as travestis realizam entre diferentes municípios para oferecer aos clientes novidades, o que gera curiosidade e desejo. A rentabilidade da atividade da prostituição na atualidade se faz pela alta rotatividade das prostitutas que ao chegar em um local, conseguem atrair maior quantidade de clientes, cuja fantasia é vivenciar novas experiências sexuais. Os fluxos da mobilidade travesti entre os vários territórios de prostituição localizados em diferentes municípios estabelece conexões entre eles e conformam uma configuração que Souza (1995) chama de território descontínuo.

Para Souza (1995), o território descontínuo articula variadas escalas espaciais e em todas elas deve haver ações de controle ou o poder que gera as fronteiras delimitadoras e os processos de inclusão ou exclusão de pessoas e comportamentos, tal como também argumentado por Wastl-Walter e Staeheli (2004). Os elementos fronteira (delimitador do território), os excluídos (*outsiders*) e incluídos (*insiders*), tão presentes nas teorias sobre o território, não podem ser susceptíveis de apenas uma interpretação. Toda configuração depende de qual é o ponto de partida ou da mirada com que se constrói a inteligibilidade do fenômeno. Um sujeito que observa a atividade de prostituição de fora daquela realidade pode conceber uma determinada configuração territorial, que pode ser diferente daqueles sujeitos que olham o fenômeno a partir de dentro da atividade. Assim, uma mesma realidade, dependendo da posição de quem observa, pode compor diferentes configurações entre fronteira, *insider* e *outsider* ou seja, variados territórios.

Um homem supostamente heterossexual, casado (perfil costumeiro da prostituição travesti) que ocuparia a posição de *outsider* na visão do sujeito-pesquisador que olha o fenômeno de uma posição externa, pode ser considerado *insider* na compreensão de uma travesti-prostituta, que está posicionada dentro da realidade em foco. Mesmo porque, uma prostituta só se estabelece como tal na relação com o cliente e assim, o cliente não estaria fora, mas compondo o território da prostituição travesti.

A visão relacional dos fenômenos espaciais foi desenvolvida por Massey (2008). Para ela, nada é definitivo ou estático, tudo está sempre em movimento de forma interdependente e é resultado de um processo que é consequência de quem olha, de onde olha o fenômeno. Nesse sentido, a atividade da prostituição travesti não configura um único território passível de ser revelado como verdade universal, mas de múltiplas possibilidades. A possibilidade escolhida para esta discussão é evidenciar a configuração territorial do ponto de vista das próprias travestis, segundo relações entre o movimento LGBT e a cafetinagem no sul do Brasil.

As travestis são parte da sociedade que as exclui. Isso porque, para que a sociedade heteronormativa se mantenha como tal, é preciso criar os seres desprezíveis àqueles que a sociedade deve negar o direito à existência social. Butler (2008) se refere à sujeitos abjetos para definir aquelas pessoas que são desconsideradas socialmente. Segundo a autora, os seres abjetos produzem tanto o questionamento da matriz de produção de corpos e seus significados sociais, quanto a delimitação do que seria considerado válido enquanto existência social.

Os corpos das travestis são identificados negativamente pela sociedade ocidental, já que contrariam as normas de linearidade entre sexo-gênero-desejo. Estas pessoas experienciam o mundo de forma paradoxal, tensionando constantemente a sociedade da qual fazem parte. Esta característica é fundamental na forma como que elas concebem suas vidas. As travestis constroem suas vidas esquivando-se da legalidade que não as comporta. A informalidade é traço marcante na constituição de seus territórios de prostituição. Isso porque enquanto desprezadas socialmente e desejadas sexualmente elas estabelecem suas táticas de sobrevivência por meio de várias ações informais em que os códigos morais próprios do grupo e a personalidade⁶ são elementos fundamentais para conquista de posições hierárquicas e também de conquistas espaciais de maior amplitude.

○ exercício do poder se dá no controle dos elementos que constituem as redes de personalidade e os códigos morais da atividade de prostituição travesti. Entretanto, o poder aqui considerado não está organizado em uma oposição entre dominados e dominadores. O poder considerado nesta discussão baseia-se em Foucault (1988), quem considera que o poder é uma correlação múltipla de forças que nunca se esgota e são inseparáveis do domínio onde elas são exercidas.

○ poder exercido não concebe a oposição *insider/outsider* em um território, isso porque eles são interdependentes, só existem um em relação ao outro. As noções de poder de Michel Foucault foram fundantes da proposta de Rose (1993). Esta geógrafa desafia a ideia dual e oposicional de constituição de territórios. Ela cria o conceito de espaço paradoxal para evidenciar a multiplicidade e a plurilocalidade dos sujeitos permanentemente tensionados em relações de poder que podem estar na situação de centro e/ou margem da configuração territorial, dependendo do perfil de relação que se estabeleça. Para Rose (1993) as pessoas ocupam simultaneamente polos de centro de margem de relações de poder, a partir das mais variadas possibilidades espaciais e isso depende da posição do sujeito que olha o fenômeno.

A marginalidade social vivenciada pelas travestis também pode servir para elucidar a simultaneidade da posição *insider/outsider*. Em entrevista sobre a atividade de prostituição, Pítia⁷ diz:

6 A ideia de personalidade foi desenvolvida em Silva (2002) evidenciando o conhecimento entre pessoas que compartilham um mesmo código de valores, relacionado a relações sociais que se desenvolvem em espaços de pequenas dimensões.

7 Optamos em utilizar nomes que reportam as figuras femininas contidas na Mitologia Grega e Romana, segundo a

se eu fosse uma pessoa normal eu não saberia que isso existia, este outro mundo, que a sociedade sabe que tem, mas fecha os olhos, dorme no seu travesseiro de pena de ganso e acha que o mundo dele é outro. Dentro da cidade existem outros mundos, que a pessoa sabe que existe, mas não sabe como funciona. Eu sei como que funciona e eu vivo em um deles. (Entrevista realizada com Pitia, em Porto Alegre (RS), no dia 21 de dezembro de 2010).

Pitia fala de sua posição de marginalidade, quando considera a sociedade heteronormativa e denomina-se como *anormal*. Contudo, seu discurso evidencia centralidade quando ela afirma que no mundo da prostituição, onde vive, ela sabe muito bem como tudo funciona, ou seja, ela tem domínio das táticas e elementos que devem ser mobilizados para influenciar aquele espaço.

A sugestão de simultaneidade de posições e de interdependência do par relacional *insider/outsider* é de grande potencialidade para a compreensão da dinâmica da prostituição travesti, notadamente porque a pesquisa faz o esforço de adotar o ponto de vista das pessoas envolvidas na referida atividade.

A proposição conceitual aqui estabelecida é de que o território descontínuo paradoxal, constituído por complementaridades e paradoxos entre o movimento LGBT, a atividade da prostituição e cafetinagem no sul do Brasil define-se por ser um espaço produzido discursivamente, simultaneamente conectado/desconectado, instituído por difusas e instáveis relações de poder, exercidas de forma multiescalar, gerando assim, a plurilocalização dos diversos sujeitos que reivindicam para si o direito ao espaço.

Os deslocamentos entre diversos locais desenvolvidos pelas travestis na atividade de prostituição conecta espaços, formando redes com diversos padrões de vínculos de diversas naturezas e é sobre este fenômeno que a próxima seção tratará.

Vivência travesti e conexões entre municípios no sul do Brasil: movimento LGBT, atividade da prostituição e cafetinagem

Do total de evocações que tratavam da espacialidade discursiva *território descontínuo*, 23,4% estiveram relacionadas à categoria discursiva *fatores espaciais de conectividade*. Esta esteve estruturada a partir dos elementos *relação com cafetinagem* (68%), *ajuda de travestis* (14%), e *relação entre militância e cafetinagem* (13%)⁸.

Iniciamos a discussão deste tópico a partir do maior percentual das evocações relacionadas aos fatores espaciais de conectividade, referentes à cafetinagem. As direções tomadas pelas evocações diziam respeito à constituição da centralidade das relações de poder nas espacialidades específicas enquanto cafetinas, à defesa das casas de cafetinas, à importância das casas de cafetinas e às relações entre cafetinas de várias espacialidades.

O termo jurídico relacionado a cafetinagem refere-se ao de *Lenocínio*, ou seja, a prática da exploração sexual, segundo qualquer forma, havendo relação direta ou indireta com o retorno econômico da prostituição. O Código Penal, Capítulo V⁹ – Do Lenocínio e

discussão realizada por Hacquard (1996).

⁸ 5% das evocações discursivas deste universo foi desconsiderado por não constituir um eixo semântico.

⁹ Lei nº 12.015, de 2009.

do Tráfico de Pessoa para fim de Prostituição ou outra Forma de Exploração Sexual - está estruturado em seis artigos, Dentre este conjunto, a atividade das pessoas que se auto-denominam como *proprietárias de pensões* envolve a prática de todos, ou pelo menos, de considerável conjunto destas contravenções. Entretanto, estas práticas se estabelecem a partir de redes de pessoalidade, colocando-se como uma estratégia de sobrevivência das travestis, tendo visto todos os processos de exclusão e interdição social e espacial. Portanto, são estas relações de ilegalidade que possibilitam a sobrevivência das travestis, assim como visto por Leto, no tocante ao fator espacial de conectividade *Ajuda de travestis e cafetinas*:

Muitas acabam saindo cedo de casa. Como eu falei que eu sai de casa, mas eu procurei outras áreas, algumas acabam saindo e indo para a rua, conhecem as outras, aí veem que as outras são mais bonitas, já são mais formadas fisicamente. Daí o que é oferecido para elas sem família? É oferecido a casa da cafetina, ou o pensionado, vamos dizer assim. (Entrevista realizada com Leto, em Curitiba – PR, no dia 23 de junho de 2010) .

Como problematizado por Ornat (2009), a existência do grupo de travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição é atravessada por espaços interditos e por territórios, como locais de exclusão e de acolhida, a partir de contradições e complementações, sendo que é a capacidade de interdição socioespacial que fortalece os territórios da prostituição travesti, também fortalecendo a atividade da cafetinagem e a formação de uma escala geográfica da prostituição relacional entre as travestis e esta atividade.

A primeira proposição a ser realizada refere-se ao fato de que a cafetinagem, enquanto uma possibilidade de centralidade nas relações de poder, não ocorre de forma espontânea, mas é forjada após determinado tempo de atividade e de reconhecimento. A constituição desta centralidade refere-se, como evidenciado nas falas das travestis e de cafetinas, ao auxílio dado as travestis, tanto nos deslocamentos realizados no Brasil, quanto para o exterior, o conhecimento direto ou indireto que as travestis têm com as cafetinas, o auxílio financeiro e a maternagem, como também a utilização de violência.

Como tratado por Erinia,¹⁰ Afrodite enquanto uma proprietária de *pensão para travestis* tinha como principal atividade resolver problemas nas espacialidades da prostituição travesti. Este resolver não se relacionava apenas a utilização da força e da violência, mas também do convencimento propiciado pelo respeito que possui das outras travestis. Segundo Erinia, este respeito tinha vindo com ela da Itália, país em que Afrodite tinha por responsabilidade o cuidado de uma rua.

Segundo Erinia, a existência de uma *pensão para travestis* coloca-se enquanto um fator espacial de conectividade, tendo visto que o projeto de Afrodite é o estabelecimento de uma nova casa na Europa, criando uma ponte entre escalas geográficas de atuação travesti através da prostituição. Esta consolidação enquanto central advém tanto da qualidade dos serviços prestados, como falado por Afrodite, quanto da propaganda realizada pelas travestis em relação a estes serviços:

¹⁰ Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010

[...] que passaram por aqui, que eu ajudei, foi mais de 100. Porque funciona assim, quando o lugar é bom, uma passa para a outra. Então, se vem uma de Ponta Grossa e gosta, ela faz a propaganda lá, aí vem outra, vem outra. Como você mesmo falou, de lá veio [citou vários nomes de travestis]. Veio dez só de Ponta Grossa. De Joinville, teve uma época que veio umas dez só de Joinville, de Florianópolis. Agora eu tô com uma remessa de dez de Maringá, que agora aqui é a temporada de Maringá. Mas também Londrina, Foz do Iguaçu, Cascavel, tem [...] Cascavel, de Balneário Camboriú tem bastante. [...] Tem, de Porto Alegre [...], tem as meninas de Cuiabá, Campo Grande, tem de tudo quanto é canto. Tem de Amazonas, [...] Belém do Pará, daí tinha a [citou o nome de outra travesti] que agora foi para Portugal, que eu tinha um conhecimento lá. Ela queria ir para a Europa e eu ajudei ela. Ela era de Fortaleza, daí, tinha outra que era do Maranhão, tem do Brasil inteiro. [quantas travestis você conhece?] Muito, mais de mil, com certeza. Agora aqui em Curitiba a gente já tem mais de trezentas travestis, na cidade toda. Só aqui em casa são vinte e sete, que chegou quatro de Balneário Camboriú. E eu me constituí como uma pessoa importante pela forma de trabalho, pela forma que eu gerencio minha casa, de proporcionar tranquilidade, conforto e segurança. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).

De todas as cafetinas que estabelecemos contato e aplicamos o roteiro de entrevista, Afrodite colocava-se como a proprietária de pensão que mais conhecia e tinha recebido travestis, tanto em total, quanto em número de cidades. Mesmo que em menor intensidade, as falas de Tetis¹¹ e Atena¹² apontam que o estabelecimento destas centralidades relacionam-se ao encaminhar aos hospitais, auxiliar na transformação do corpo, a partir do acesso a tratamentos de pele e cirurgias plásticas, além da própria hospedagem e alimentação.

No início do processo de coleta de dados em campo, tínhamos por hipótese que a atividade da cafetinagem seria completamente criticada pelas travestis. Entretanto, o campo desconstruiu esta hipótese, pois se por um lado as cafetinas defendiam suas atividades como não sendo ilegal, esta defesa fez eco nas evocações das travestis. Como tratado por Atena, existe um benefício financeiro de possuir uma *pensão para travestis*, pois ninguém mora na casa de ninguém de graça. O valor que é recebido de diária das travestis – trinta reais – refere-se à alimentação e à moradia. Todavia, esta ajuda vai além destes elementos: “Eu não acho que eu as estou explorando. Mas eu gosto de ajudar, se for presa eu vou atrás” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009).

Neste discurso de defesa da atividade, Atena trata que em sua casa as travestis tem uma boa cama, bom chuveiro e boa alimentação. O elemento preponderante nesta fala relaciona-se ao fato da não utilizar da violência para resolução dos problemas que nascem nas relações com travestis. Existe uma grande busca pela transformação do corpo, sendo que as donas de pensão também auxiliam as travestis nesta empreitada.

11 Entrevista realizada em Florianópolis – SC, em 25 de maio de 2009.

12 Entrevista realizada em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009.

Da mesma forma que em relação à fala de Afrodite, a evocação de Atena evidencia que as *pensões para travestis* são fatores espaciais de conectividade, propiciando a constituição de uma escala geográfica da prostituição travesti estabelecida a partir de redes de pessoalidade entre cafetinas e travestis. Estas redes de pessoalidade são complementares aos processos de interdição espacial que a maioria das travestis vivencia.

A fala de Atena aponta que as proprietárias de *pensões para travestis* não devem ser consideradas como cafetinas, mas como auxiliaadoras, mesmo que a apreensão social as veja de outra forma: “Uma pessoa que tenha uma casa como eu tenho, como a Afrodite que tem, como tem em Floripa - SC, como tem em Tubarão - SC, como tem em São Paulo - SP, somos tachadas como cafetinas, mas não somos” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009).

Este reconhecimento do auxílio dado às travestis e da sua complementação aos processos de interdição relacionam-se, como defendido por Atena, à própria dificuldade que cada travesti vivencia quando chega a uma cidade desconhecida. O que se salienta é que a *pensão para travestis* é uma possibilidade de estabilidade à vivência destas pessoas, frente à própria instabilidade de ganhos obtidos através da prostituição.

Se por um lado existe uma defesa óbvia da atividade da cafetinagem estruturando os discursos das cafetinas, esta defesa é também realizada pelas travestis. Erinia defende a mesma tese que o termo cafetinagem é equivocado, pois “cafetinagem é quando você bota na rua e tudo que ganhar, vai ganhar pra mim. (...) Então ela tá cobrando por um teto, uma cama, alimentação, a proteção. E ela não explora não, ela vende um serviço. Aí vai da oferta e da procura, não é verdade?” (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010). Assim como tratado por Erinia, Hipólita e Estige, esta atividade é uma possibilidade de ajuda às travestis que circulam entre os municípios:

Mas eu acho assim, eu acho que não é cafetinagem. Eu acho que não seja cafetinagem, a travesti tá viajando de lado pra lado, quer um teto pra ficar, é mais do que justo a dona da casa cobrar uma porcentagem pra água, luz, tomar banho, alimentação, essas coisas. [...] e também a maioria das travestis que dão hospedagem, dão o teto, dão garantia na rua, você tá entendendo. Então pra travesti é maravilhoso isso. [eu vejo que ou a travesti fica na casa da cafetina e fica garantida na rua, ou paga pra ficar na rua. Parece que existe uma pressão pra travesti ficar na casa da cafetina]¹³ Mas é assim, você ficou na minha casa, você tem a garantia da rua. Aí porque que a travesti vai se incomodar? Tem a minha casa e a garantia da rua, vou trabalhar sossegada. Eu acho que é melhor do que as outras vezes, que a gente pagava a cafetina e ainda pagava pau pras travestis na rua, ou pros gigolôs das travestis. Ali não, ali já tá assegurado. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).

Exatamente, é como que fosse uma pensão. Porque pra nós é melhor, porque sai mais barato, porque pense, na época que eu tava lá, eu pagava trinta reais, mas eu ganhava comida, hospedagem, e era tudo de primeira. E descer na rua sossegada, sem medo de nada, só tava ganhando. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).

13 Questão do entrevistador.

Sabe, a polícia muitas vezes não entende o mundo da gente sabe? Eles acham que é crime o que a gente faz. Eles não entendem. Dizem que uma pessoa que tem uma casa, e por exemplo, recolhe uma travesti, investe nela e depois quer o dinheiro que investiu de volta, é cafetinagem. [...] *Imagina! Uma pessoa que geralmente nem a mãe quer, a família rejeita e só tem a gente. Mas a polícia não entende a gente, como é que é a vida da gente e acha que isso é crime. Mas não é, é a forma como a gente vive, como podemos viver.* (Entrevista realizada com Estige, em Madri – Espanha, em 14 de maio de 2008, grifo nosso).

Como salientado por Estige, as proprietárias de *pensões para travestis* propiciam o acolhimento que não é dado pela família ou pela sociedade, possibilidade esta que se coloca enquanto uma estratégia de sobrevivência a estas pessoas. Salientamos que a não compreensão desta lógica de sobrevivência está estruturada naquilo que Duncan (1996) denomina como a marginalização espacial das trabalhadoras do sexo.

Como tratado, todas as formas de sexo comercial não são consideradas respeitáveis. A atividade da prostituição é uma prática espacial e temporal marginalizada, pois segundo Duncan (1996), o processo de estigmatização destas pessoas ocorre tanto segundo as atitudes da sociedade quanto a partir da lei. Mesmo que a autora estabeleça reflexões sobre o Canadá e a Grã-Bretanha, suas ponderações conectam-se a mesma lógica de repressão brasileira no tocante a prostituição.

Tanto em relação a lei brasileira nº 12.015, de 2009, quanto nas legislações dos países acima citados, é quase impossível se praticar a prostituição sem ferir algum dos princípios instituídos. Estes limites espaciais estabelecidos negam da mesma forma a sexualidade de locais públicos, impondo restrições espaciais sobre grupos com sexualidades dissidentes, como no caso das travestis.

A atividade da cafetinagem é considerada pelo grupo como um refúgio frente às adversidades, a partir de deslocamentos entre municípios. Pensando a importância desta atividade nos deslocamentos entre cidades, Iris¹⁴ aponta que este deslocar-se acontece quando se conhece cafetinas. Segundo ela, a partir da indicação e referência de outras travestis é que se consegue acessar estes *pensionatos*. E assim inserida nesta rede de pessoalidade, se vai de uma pensão a outra.

A indicação não é o único fator de participação nas redes de pessoalidade, pois se a entrada na rede depende de indicações e referências sociais, a permanência nesta rede de pessoalidade se relaciona também ao agradar a cafetina, correspondendo à conveniência que é estabelecida pela cafetina, tanto na espacialidade da pensão quanto na cidade em que esta está localizada.

A rede de pessoalidade relacionada à escala geográfica da prostituição travesti que é forjada a partir do deslocamento entre municípios também é constituída por redes de pessoalidade que acontecem entre cafetinas. Segundo a fala da travesti Iris, existe um deslocamento de travestis entre pensões, propiciado pela existência de redes de pessoalidade entre cafetinas:

14 Entrevista realizada em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008.

Por exemplo, eu tô em Ponta Grossa na casa de uma cafetina que manda na cidade. Daí eu quero ir pra Curitiba. Aí, como ela conhece a travesti que comanda em Curitiba, ela já me indica. Na maioria das vezes, elas próprias ligam e falam: Olhe, tô mandando uma filhinha minha pra ficar um tempo com você. Então uma cafetina indica pra outra cafetina. É tipo uma rede. Nós aqui no Brasil é uma rede Nacional, igual na Europa. Na maioria das vezes, as que vão pra Europa hoje em dia elas vão, mas quando chegam na Europa, já tá pago o lugar onde elas vão trabalhar, o lugar onde elas vão morar, pra elas ter segurança. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em 8 de agosto de 2008).

Como visto por Artemis,¹⁵ o “contato se estabelece entre as cabeças”, sendo que as conexões entre municípios se fazem a partir de relações de pessoalidade entre cafetinas de cidades distintas: “Aí a de São Paulo tem umas meninas que querem ir pra outra cidade, daí manda pra lá e as de lá manda pra cá, tem essa troca”. Além desta evidência, o que as falas das 3 cafetinas entrevistadas apontam é que suas relações se fazem a partir de densas redes de pessoalidade, relações estas não restritas apenas a estas três cafetinas, mas também segundo contatos localizados em outras nacionalidades: “[...] acabou de chegar uma da Alemanha, é a [nome de uma travesti], ela tava na Alemanha e veio buscar travesti pra levar” (Entrevista realizada com Atena, em Balneário Camboriú – SC, em 26 de maio de 2009). Em específico às relações entre cafetinas brasileiras, as falas das pessoas entrevistadas demonstram que estas redes de pessoalidade formam uma trama que propicia o deslocamento entre espacialidades, colocando-se as *pensões para travestis* como fatores espaciais de conectividade.

As atividades de cafetinagem se estabelecem enquanto fatores espaciais de conectividade, conexões estas que se colocam enquanto pontos fixos através de redes de pessoalidade, pois como tratado acima por Afrodite, a consolidação de uma pensão para travestis não ocorre espontaneamente, mas é resultado de um longo processo de trabalho e reconhecimento advindo das travestis.

Este fator espacial de conectividade coloca-se ao lado de outro elemento fluído, referente a ajuda que as várias travestis recebem umas das outras, possibilitando o deslocamento espacial a partir da criação e participação de outras formas de redes de pessoalidade. Totalizando 14% das evocações relacionadas ao *Território descontínuo – Fatores espaciais de conectividade*, estas falas trataram do conhecimento que as travestis devem ter uma das outras para se deslocar:

Depende da amizade que você tiver com outra travesti que você chegar, se você tiver amizade com outra travesti da cidade, é mais fácil pra você se inserir na população. Como aqui em Ponta Grossa, pega e chega as travestis de fora, a gente já fica sabendo. A gente não briga nada pra elas não batalharem, só que elas não ficam no ponto das que já tão. [...] Pra viajar, depende muito do conhecimento, porque é brabo, ainda mais na rua assim, é bastante complicado de chegar na rua ali e já parar pra batalhar, porque as outras não deixam. Todas podem querer viajar de cidade em cidade, mas depende de conhecimento. Se não tiver vai sofrer, é claro que vai sofrer, é a lei da selva, entendeu? Quem pode mais chora menos (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).

15 Entrevista realizada em Curitiba – SC, no dia 26 de junho de 2010.

O conhecimento com este grande grupo de travestis refere-se a cidades de vários estados do Brasil. O número que cada travesti conhece é consideravelmente um elemento muito importante como fator espacial de conectividade. Todavia, diferentemente da característica fixa do elemento cafetinagem, o conhecimento com travestis coloca-se como uma conexão fluida, não dependendo estritamente do local da prostituição, mas sim da localização que determinada travesti conhecida tem no momento deste deslocamento.

Finalmente, as relações entre militância e cafetinagem e relação entre ONGs são fatores espaciais de conectividade entre municípios no Sul do Brasil, segundo a atividade da prostituição travesti. Como visto através das respostas do processo de pesquisa, o fenômeno de conexão entre municípios envolve uma teia complexa de redes de pessoalidade que se referem à relação entre cafetinas, travestis e Organizações não governamentais, instituindo uma escala geográfica da prostituição travesti relacional.

Buscando não criar falsas relações e inconvenientes reflexões, não afirmamos que esta organização possui uma lógica organizacional, com o objetivo de retirar o lucro do deslocamento entre travestis¹⁶. Apenas evidenciamos que esta fluidez de conhecimento se faz a partir de vários atores sociais, fluidez estruturada segundo relações que se estabelecem entre estas organizações e as proprietárias de *pensões para travestis*.

Inicialmente, existe uma rede de pessoalidade entre Organizações não governamentais e proprietárias de *pensões para travestis*. Estas relações de pessoalidade se fazem tanto a partir do conhecimento, através da própria militância LGBT no Brasil, como segundo a atuação de cafetinas em Organizações não-governamentais, evidenciando uma intersecção entre atividades legais e ilegais.

Uma possibilidade do estabelecimento de redes de pessoalidade para travestis no Brasil se refere à Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) e ao Encontro Nacional de Travestis e Transexuais (ENTLAIDS)¹⁷. Isto é demonstrado na fala de Erinia¹⁸, na defesa desta atividade enquanto uma oportunidade:

Ela [Afrodite] me explicou certinho quando a gente tava no ENTLAIDS no Rio de Janeiro. Ela tá montando um apartamento lá na Espanha, pra montar de novo lá. Porque daí ela vai mandar as que tão na pensão dela, as que querem, pra lá pra Espanha. Que eu não digo cafetinagem, como que falei pra você, é uma oportunidade pra gente. (Entrevista realizada com Erinia, em Ponta Grossa – PR, em 30 de julho de 2010).

Esta relação complexa também se faz, como dito, a partir da participação de cafetinas, ou ex-cafetinas, em Organizações não governamentais. Estas conexões são evidenciadas na fala de Hipólita, pois quando esta havia ido para Porto Alegre – RS, permaneceu na casa de Eris:

Mas ela é palestrante, ela sempre vem nessas coisas de ONG. Mas tem outra também, mas quando eu fiquei na casa dela, [mas ela é cafetina e trabalha com ONG?]¹⁹ E ainda defende direitos humanos. E nervosa. Em Balneário Camboriú tem a [nome

16 Incorrendo no que o artigo 288 do Código Penal (Lei nº 12.015, de 2009) trata: Associarem-se mais de três pessoas, em quadrilha ou bando, para o fim de cometer crimes.

17 A 18ª edição do ANTRA foi realizada entre 5 a 8 de outubro de 2011 em Recife (PE).

18 Erinia, além de sobreviver da prostituição, é presidente de uma ONG no sul do Brasil.

19 Questão do entrevistador.

de uma cafetina]. Também lá tem a [nome de uma cafetina], que é irmã da [nome de uma travesti], que é uma das filhas da Afrodite. Então é todo um laço. (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).

Esta complexa tessitura da escala geográfica da prostituição travesti no Sul do Brasil, estabelecida a partir de redes de pessoalidade, é tratada por Hipólita como paradoxal, pois é fato que as ONGs não influenciam no deslocamento das travestis entre municípios, mas pelo contrário: “ainda prejudica a travesti, porque se ela quer defender direitos humanos, que história é essa de cafetinagem?” (Entrevista realizada com Hipólita, em Ponta Grossa – PR, em 11 de julho de 2008).

Esta justaposição de contradição e complementação apontada por Hipólita também é visível na fala de Afrodite, pois suas atividades cotidianas relacionam-se tanto ao gerenciamento de uma *pensão para travestis* quanto na participação de uma ONG LGBT localizada em Curitiba – PR. Outro elemento é a relação entre a militância LGBT de várias cidades enquanto fator espacial de conectividade, a partir da administração de *pensões para travestis*, como tratado na fala de Afrodite:

Aqui na casa eu dou o básico, casa e comida. Aí a gente tenta procurar saúde, fazer exames, fazer a saúde em ordem. Como eu trabalho no [ONG LGBT – Curitiba – PR], aí eu tenho acesso a preservativos, quando eu vou nas reuniões, eu já trago pra elas, tento levá-las, mas como elas trabalham à noite, fica difícil. Mas como eu trabalho lá e tenho acesso fácil a elas, [...] eu vou lá, pego o que tem para ser discutido, trago pra elas, a gente se reúne em um bate papo, e aí, eu vou passando pra elas. Também relacionado a documentação, porque muitas chegam aqui sem documento. Não tem como uma pessoa viver sem documento, ou eu receber uma pessoa sem documentação. Então, a gente procura fazer um boletim de ocorrência, ou ligar pra família pra pedir o registro, pra fazer o encaminhamento para pedir os documentos. (Entrevista realizada com Afrodite, em Curitiba – PR, em 31 de julho de 2008).

As redes de conhecimento possibilitam a indicação de nomes, endereços e telefones que constituem uma importante fonte de troca de informações nesse ramo de atividade, manifestada na relação entre militância LGBT e cafetinagem. Mesmo que as redes de conhecimento pessoal possam dar uma aparente falta de organização, pode-se argumentar que ela é extremamente eficiente na garantia da sua reprodução, ultrapassando, inclusive, a escala nacional.

As estratégias de deslocamentos internacionais ocorrem com o empréstimo em somas em dinheiro, adiantamentos para compra de passagens aéreas e preparação de documentação, bem como facilitações de entrada em países da Europa, em geral, Itália, Espanha e Portugal. A dívida contraída é cobrada posteriormente com valores que muitas vezes ultrapassam o dobro daquilo que foi emprestado.

Febe e Estige apontam em suas entrevistas que o volume da dívida é bastante superior aos gastos necessários para o deslocamento. Segundo Febe, mesmo que ela tivesse entrado na Europa com 1.300 euros, a dívida com seu facilitador era de 7.000 euros. Afirma ainda que conhece amigas que entraram na Europa com dívidas de 10.000 ou 15.000 euros, mesmo que tenham sido gastos apenas 2.000 euros nos seus deslocamentos.

Silva (2011) indica que as travestis desenvolvem um conjunto de estratégias de deslocamento, driblando os mecanismos de regulação presentes nas fronteiras entre os países. Portanto, elas negociam cotidianamente com as estruturas legais hegemônicas em suas táticas de sobrevivência, muitas vezes ilegais e assim fazem parte dos circuitos internacionais da globalização.

As relações entre militância LGBT, cafetinagem e travestis são reguladas por um conjunto de valores e práticas instituidores de comportamentos que possibilitam a manutenção das travestis nas redes de pessoalidade e, assim, colher as vantagens ou desvantagens nas relações de poder instituídas (MAYOL, 1996).

Cada travesti deve se portar segundo as convenções grupais para ser reconhecida como pertencente ao grupo. A conveniência, como um rol de regras tácitas contratadas dentro do grupo, é significada pelas travestis a partir de comportamentos de humildade frente à travestis mais fortes e a lógica de relações entre a militância LGBT e cafetinagem, conquista de amizades, escamoteamento de intrigas, não dependência de drogas para não atrair a atenção de policiais, bem como pagar em dia as diárias à *proprietária da pensão para travestis*.

Enfim, saber manusear com habilidade as relações interpessoais, reconhecendo as conveniências e as hierarquias do grupo são estratégias fundamentais para ampliação de vantagens no estabelecimento de atividades de prostituição. Portanto, a multiescalaridade do fenômeno evidencia a posição móvel e indeterminada das relações, superando a noção de fixidez entre categorias e complexificando as relações entre os sujeitos e espaços.

Considerações finais

Esta discussão trouxe a inteligibilidade da relação entre território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no Sul do Brasil, segundo complementaridades e paradoxos. As evidências do trabalho de campo realizado são os elementos fundamentais para elaboração de uma avaliação das contribuições teóricas que podem ser produzidas ao campo científico da Geografia.

Um importante postulado consagrado na Geografia para compreender a apropriação espacial como o território descontínuo proposto por Souza (1995) foi aqui reafirmado. Isso porque a prostituição travesti se organiza em conexões de diferentes territórios intraurbanos localizados em diferentes municípios e até mesmo em escala nacional e internacional.

A ideia de território descontínuo também é reafirmada na medida em que Souza (1995) evidencia que os limites ou fronteiras podem ser móveis e que os territórios se fazem e desfazem em diferentes temporalidades. Essas proposições também foram válidas na construção da inteligibilidade da atividade de prostituição travesti, pois são as ações travestis que configuram no tempo e espaço seus territórios, que são extremamente móveis.

Contudo, a exploração do material empírico esclareceu a necessidade de agregar a ideia de paradoxo. O paradoxo é aqui entendido como algo que se faz de forma surpreendente, contingente, não previsível, como nos termos de Rose (1993). *A proposição de pensar que a prostituição travesti pode ser analisada pelo que chamamos aqui de território descontínuo paradoxal, faz-se nos seguintes argumentos:*

- O território é resultado do discurso produzido pelas próprias travestis em atividade de prostituição, não é pré-existente ou passível de ser concebido por aqueles que observam o fenômeno de fora, mas se faz na ação dos sujeitos que o vivenciam.

- Certamente o poder é componente fundamental na apropriação espacial. Contudo, ele não é oposicional na relação *insider/outsider*, mas um feixe de tensionamento entre sujeitos que pode produzir diferentes posições móveis de centro e margem das relações de poder, como evidenciado nas relações entre travestis, cafetinagem e militância LGBT.

- Os elementos que compõem cada categoria discursiva do fenômeno concebido como território descontínuo paradoxal não possuem um sentido unívoco, ou uma única posição. Um mesmo elemento pode ocupar diferentes posições na organização discursiva de determinado espaço e tensionar de diversas maneiras as relações entre os sujeitos.

Enfim, esta pesquisa traz desafios aos geógrafos na medida em que supera a noção de fixidez, oposição dual entre categorias e complexifica as relações entre os sujeitos e seus espaços. O grupo de travestis em atividade comercial sexual está plurilocalizado na constituição do território pois é simultaneamente centro e margem das relações de poder e é sua posição paradoxal que evidencia sua resistência à sociedade heteronormativa que ao mesmo tempo a deseja e a despreza.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

CAMPOS, H. Permanência e mudança no quadro de requalificação espacial de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central do Recife. *Território*, n. 9, p. 25-43, jul./dez. 2000.

CATONNÉ, J.-P. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLLINS, P. H. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. London: Harper Collins, 1990.

DUNCAN, N. Renegotiating Gender and Sexuality in Public and Private Spaces. In: DUNCAN, N. *Bodyspace: Destabilizing Geographies of Gender and Sexuality*. New York: Routledge, 1996. p. 127-145.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOTTMANN, J. *The significance of territory*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1973.

HACQUARD, G. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Asa, 1996.

HOWELL, P. Prostitutional space in the Nineteenth-Century European city. In: BLACK, I. S.; BUTLIN, R. (Eds.). *Place, culture and identity: essays in historical geography in honour of Alan R. H. Baker*. Canadá: Les Presses de L'université Laval, 2001. p. 181-196.

- MARTIN, P. Contextualizing feminist political theory. In: STAEHELI, L.; KOFMAN, E.; PEAKE, L. (Orgs.). *Mapping women, making politics: feminist perspectives on political geography*. New York: Routledge, 2004. p. 15-30.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MATTOS, R. B.; RIBEIRO, M. A. C. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. *Território*, v. 1, n. 1, p. 59-76, 1996.
- MAYOL, P. O bairro. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 37-69.
- MORAES, A. C. R. *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990.
- NAGAR, R. Mapping feminisms and difference: the debate over Mut'a in Tanzania. In: STAEHELI, L.; KOFMAN, E.; PEAKE, L. (Orgs.). *Mapping women, making politics: feminist perspectives on political geography*. New York: Routledge, 2004. p. 31-48.
- ORNAT, M. J. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. In: SILVA, J. M. (Org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 177-210.
- RIBEIRO, M. A. C. Prostituição de rua e turismo em Copacabana: a Avenida Atlântica e a procura de prazer. *Território*, v. 2, n. 3, 1997, p. 87-104.
- ROSE, G. *Feminism & geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.
- SILVA, J. M. *Sou "europeia mona"!*: múltiplas espacialidades travestis vivenciadas na Espanha do século XXI. In: IX Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 9., Goiânia, 9-12 out. 2011.
- _____. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *GeoUERJ*, v. 18, 2008, p. 1-18.
- _____. *A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-115.
- WASTL-WALTER, D.; STAEHELI, L. Territory, territoriality, and boundaries. In: STAEHELI, L.; KOFMAN, E.; PEAKE, L. (Orgs.). *Mapping women, making politics: feminist perspectives on political geography*. New York: Routledge, 2004. p. 41-151.